

# UMA ZONA AGRÍCOLA DO DISTRITO FEDERAL — O MENDANHA \*

## I — INTRODUÇÃO

HILDA DA SILVA \*\*  
Geógrafa do CNG

A região do vale do Mendanha situada no Distrito Federal, ao norte do subúrbio de Campo Grande, apresenta características que a definem como zona de ocupação rural. Suas paisagens culturais fornecem forte contraste com a aglomeração suburbana de Campo Grande no que se refere à ocupação humana do solo, povoamento e gêneros de vida apresentados.

Ao delimitarmos a região a estudar, procuramos agrupar o que nos pareceu constituir, por seus aspectos físicos e humanos, bastante peculiares, uma unidade diferente das demais regiões circunvizinhas. Nela englobando paisagens contrastantes verificamos não ter havido, no entanto, perda de sua uniformidade, muito pelo contrário, estes aspectos que apresentam uma ligação entre si contribuíram, grandemente, para dar maior interesse ao seu estudo.

A zona do Mendanha abrange a área compreendida pelo maciço Geracino-Marapicu na parte central do norte do Distrito Federal bem no limite deste com o estado do Rio de Janeiro, conhecido, localmente, com o nome de serra do Mendanha. Representa a encosta sul do maciço litorâneo da serra de Madureira; o vale do rio Guandu do Sena ou rio da Prata do Mendanha com seus afluentes, o rio Guandu do Sapê e o rio dos Cachorros, em toda a sua extensão leste-oeste; o limite sul é dado pela serra do Quitungo a leste e pelos pequenos morros e colinas que se situam na várzea até o encontro com o rio Guandu.

Da mesma maneira que os outros maciços litorâneos, tão característicos do relevo do Distrito Federal e do estado do Rio de Janeiro, apresenta-se como um maciço montanhoso isolado; êle se eleva da planície entulhada pelo rio Guandu do Sena. A oeste as planícies entulhadas pelos rios Guandu, Cabuçú e Sarapuí separam-no do maciço da Pedra Branca fazendo, dêsse modo, a ligação da baixada de Sepetiba com a da Guanabara.

---

\* Queremos ressaltar aqui que tratando-se de um trabalho de pesquisa original, a grande maioria dos dados colhidos foi obtida através de inquéritos e observações feitas localmente, durante as viagens realizadas à região em estudo.

Não podíamos deixar de nos referir, também, aos valiosos auxílios com que contamos no desenrolar de nosso trabalho. A todos os que, de algum modo, contribuíam para a confecção desta monografia, notadamente, à Secretaria de Agricultura da Prefeitura do DF, ao Serviço Geográfico do Exército e, especialmente, ao Posto Agrícola IV, os nossos agradecimentos.

\*\* Tece com que concorreu a autora ao concurso à carreira de Geógrafo do Conselho Nacional de Geografia.

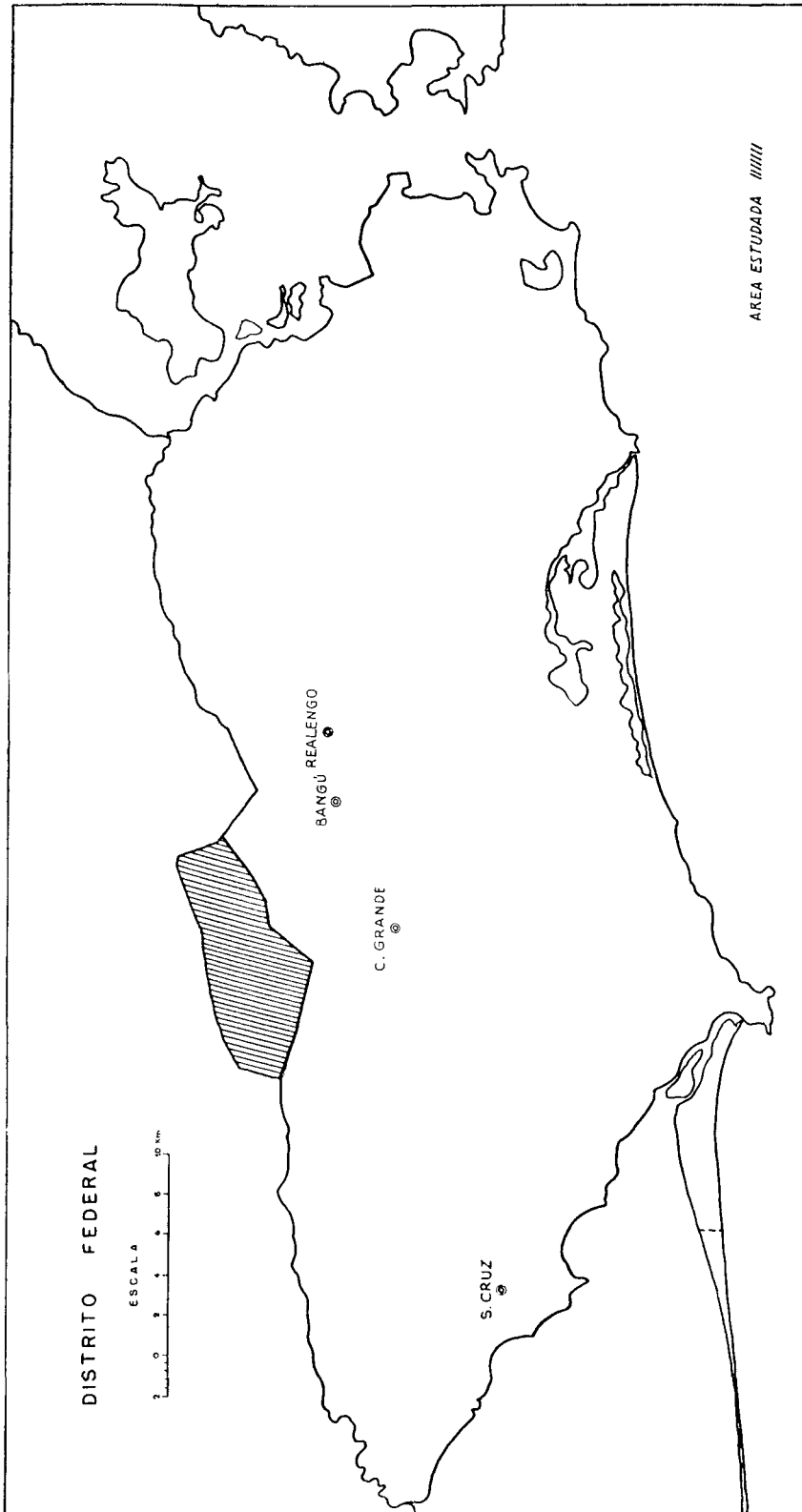
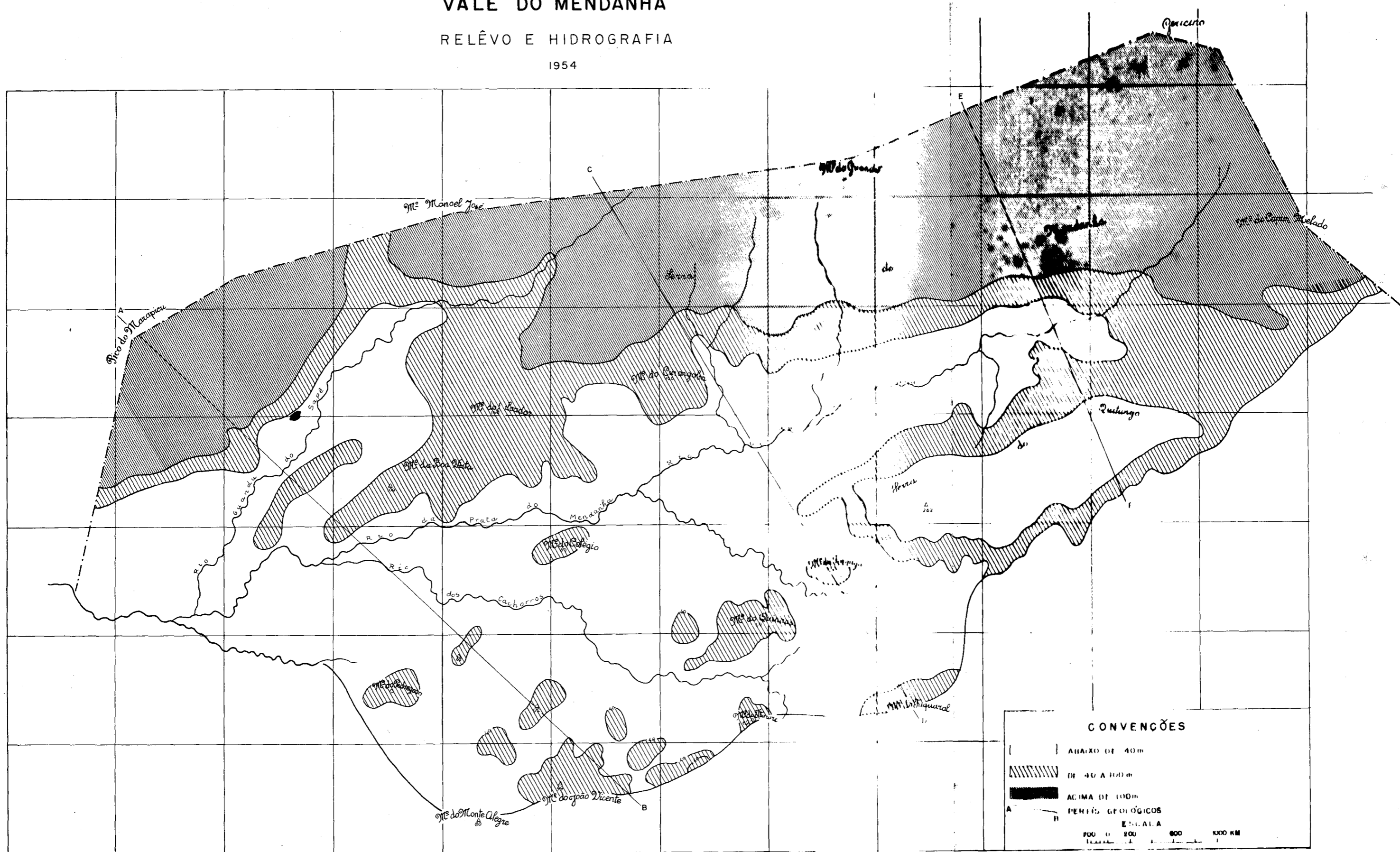


Fig. 1

# VALE DO MENDANHA

## RELÊVO E HIDROGRAFIA

1954



### CONVENÇÕES

- | ABACO DE 40m
- ▨ DE 40 A 100m
- ACIMA DE 100m
- A PERÍM. GEOLÓGICOS
- B
- ESCALA
- 0 200 400 600 800 1000 M

Sua origem geológica, bastante diferenciada do resto do Distrito Federal, contribui muito para melhor individualizá-lo. As rochas eruptivas que aí aparecem propiciaram o aparecimento de um solo bem fértil favorecendo, assim, uma atividade eminentemente agrícola. De ocupação antiga continua, até hoje, com êste caráter, achando fàcilmente mercado para seus produtos dada a proximidade de bons centros consumidores. Para isto muito concorre a facilidade de comunicação com distritos importantes da zona suburbana, tais como os de Campo Grande e Bangu.

O problema de escoamento da produção estreitamente ligado à presença de boas estradas não encontra eco na zona do Mendanha. É bem servida de estradas de rodagem sendo por elas percorrida em tôda a sua extensão. Daí a facilidade para o transporte das mercadorias dos centros produtores aos centros consumidores.

Êstes fatores tão favoráveis ao desenvolvimento agrícola não representam obstáculos, no entanto, à penetração do loteamento urbano, hoje, uma atividade econômica em franca expansão. Da mesma forma o novo tipo de propriedade rural representado pelo sítio de repouso para veraneio e fim de semana, vai aos poucos se difundindo na região.

A fisionomia rural da zona do Mendanha, contrastando vivamente com as aglomerações suburbanas de Campo Grande e Bangu, entre as quais se acha intercalada, deu-lhe cunho de originalidade motivando, assim, o interêsse pelo seu estudo

## II — A PAISAGEM NATURAL

A região em estudo apresenta-se caracterizada por um relêvo diversificado em que se distinguem o maciço montanhoso e a planície aluvial da qual emergem pequenos morros ou colinas. A cada um dêsses elementos da paisagem correspondem características próprias do ponto de vista físico que se refletem numa ocupação diferente do ponto de vista humano. Esta ocupação humana está bastante evidenciada, logo à primeira vista, pela intensidade da devastação da floresta que constituiu o revestimento florístico original da região. São poucas as reservas de mata existentes achando-se elas concentradas a noroeste enquanto que a nordeste fazem parte das reservas florestais da reprêsa do Guandu

A serra constitui a vertente sul da serra de Madureira representada pelo maciço Gericinó-Marapicu, conhecido, no local, pelo nome de serra do Mendanha e, ainda, por um seu prolongamento SE, do qual se acha separado pelo vale do rio Guandu do Sena, chamado serra do Quitungo. Como os outros maciços da região litorânea do Rio de Janeiro apresenta a direção NE—SW e uma frente abrupta voltada para o mar, inclinando-se, suavemente, para o interior, sugerindo a existên-

cia de um bloco falhado e basculado <sup>1</sup>. Estruturalmente, fazem êles parte do complexo cristalino brasileiro formado de granitos e gnaisses. Em conseqüência das fraturas e falhas que afetam êstes maciços, as rochas do arqueano apresentam-se cortadas por diques de rochas mais recentes (diabásios). No caso especial do maciço Gericinó-Marapicu, segundo EVERARDO BACKHEUSER, acham representadas por "largos derrames de rochas nefelínicas sob a forma de tinguaitos e fonolitos" <sup>2</sup>.

A serra do Mendanha apresenta-se como relêvo enérgico, de feição bastante uniforme com uma vertente voltada para o sul muito íngreme e que corresponde à encosta da margem direita do vale do rio Guandu do Sena. Os poucos entalhamentos que ela apresenta correspondem aos vales dos pequenos córregos que têm seu nível de base no rio Guandu do Sena e que, atualmente, erodem fortemente as vertentes dêste maciço.

A serra do Quitungo acha-se separada da serra do Mendanha pelo vale do rio Guandu do Sena, representando sua encosta da margem esquerda. De altitude bem inferior que a do Mendanha não apresenta os pequenos córregos, tão freqüentes naquela. É comum, a ocorrência em suas encostas de blocos originados da desagregação e esfoliação de rochas graníticas — os *boulders* — dos quais apresenta inúmeros exemplos (fig. 4).

Cumprе salientar, ainda, que a fertilidade dos solos, desta zona do DF, acha-se, estreitamente, ligada à presença das rochas nefelínicas; sua decomposição propicia o aparecimento de um solo escuro, bastante fértil, se bem que não muito profundo, em alguns trechos. Tais ocorrências, em virtude de terem tido caráter local, não se verificando com igual intensidade em todo o DF, contribuem para melhor caracterizar esta região dando-lhe, assim, feição bastante peculiar.

A êste relêvo abrupto e enérgico segue-se a planície aluvial

A planície aluvial estende-se de leste para oeste, apresentando-se no trecho entre a serra do Quitungo a sudeste e a serra do Mendanha a noroeste, relativamente estreita, alcançando uma largura máxima de 4 quilômetros, sendo drenada, sòmente, pelo rio Guandu do Sena. Não aparecem aí as pequenas colinas (fig. 5).

Já para oeste ela é parte da planície de Santa Cruz, — correspondendo, justamente, ao seu trecho mais acidentado. Torna-se, então, bem mais larga tendo aí numerosos morros e pequenas colinas. A drenagem é feita pelos rios Guandu do Sena (com o nome do rio da Prata do Mendanha), rio dos Cachorros e rio Guandu do Sapê. (Vide o "Mapa Esquemático do Relêvo e Hidrografia").

O entalhamento das encostas das serras do Mendanha e Quitungo resultou da ação erosiva dos rios em função de um nível de base mais

<sup>1</sup> RUELLAN, Francis — "Evolução Geomorfológica da Baía de Guanabara e Regiões Vizinhas" in *Rev Brasileira de Geografia*, ano VI, n 4, outubro-dezembro 1944

<sup>2</sup> BACKHEUSER, Everardo — "A Geologia do Distrito Federal" in *Boletim Geográfico*, ano III, n. 35, fevereiro de 1946, p 1390

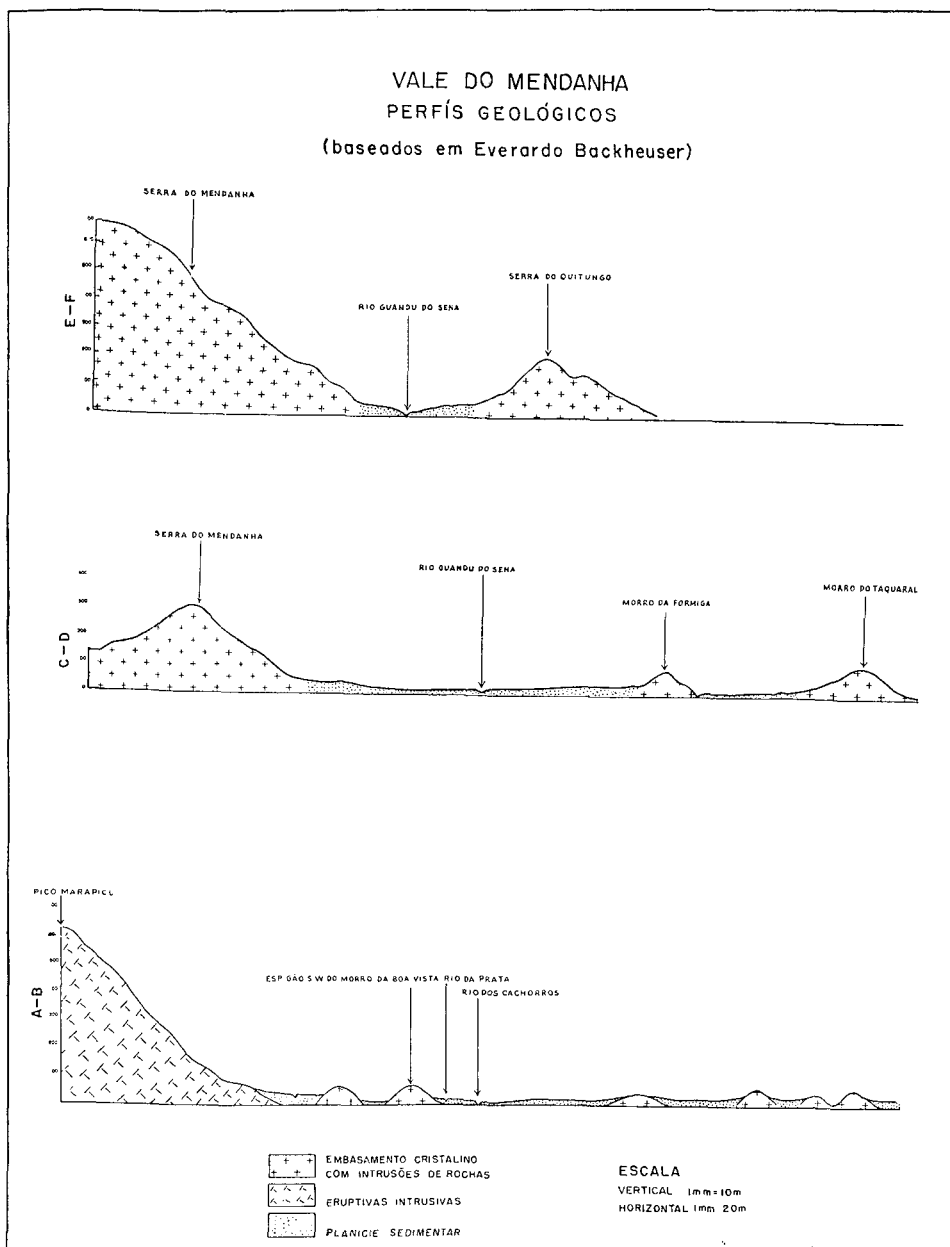


Fig 3

baixo que o atual. Durante o quaternário processou-se seu entulhamento por intermédio dos rios que a percorrem, em virtude de trazerem êles material de decomposição das encostas muito abundante devido à presença do clima úmido.

O rio Guandu do Sapê que nasce na serra do Mendanha escavou seu vale entre o morro do Marapicú e o espigão que se desenvolve da serra do Mendanha em direção SW. Observando o mapa topográfico podemos ver, ao abandonar a parte serrana, um morro alongado separando dois vales. A depressão setentrional é, atualmente, a ocupada

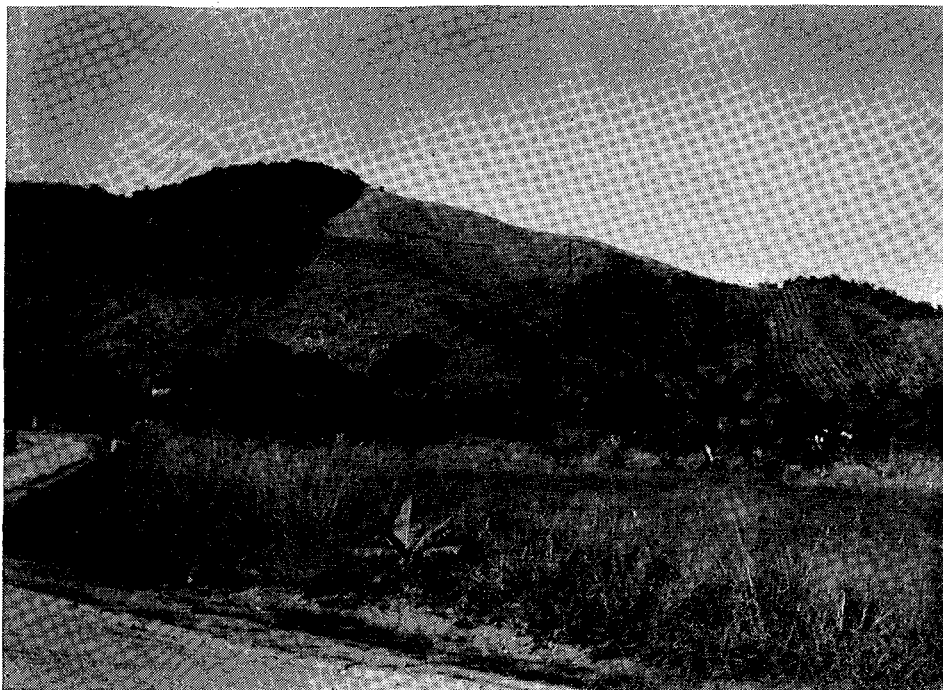


Fig 4 — A serra do Quitungo com seus boulders Sua encosta voltada para o norte, recebendo maior insolação, possibilitou o aparecimento de laranjais cujos remanescentes ainda ai permanecem No primeiro plano um trecho inaproveitado da baixada aguardando oportunidade de venda (Foto do autor)



Fig 5 — Com cerca de 4 quilômetros apresenta-se aqui a várzea em seu trecho mais estreito Em suas partes planas desenvolve-se bem a lavoura mista Ao fundo a serra do Quitungo com seus restos de laranjais e pequenas reservas de mata (Foto do autor)

pelo rio. A meridional, aproveitada pela estrada do Pedregoso, parece corresponder a um antigo curso, hoje abandonado

A característica mais importante da várzea reside na sua constituição geológica de sedimentos recentes trazidos pelos rios das encostas. Trata-se de aluviões ricas que proporcionam eficiente utilização dos solos para a agricultura.

Dominando a baixada aluvial erguem-se ora pequenos alinhamentos, ora morros isolados, ou então, pequenas colinas de formas arredondadas.

Ao contrário, entretanto, do que acontece na serra, em que não são raros os afloramentos de rochas, dificilmente aparecem êstes nas colinas, onde o material se apresenta bastante decomposto, o que tem contribuído para dar-lhes essa forma arredondada e declives bastante suaves. Os morros e pequenas colinas podem ser grupados, de modo geral, em morros de uma altitude média de 35 — 40 metros os menores, e de cerca de 50 — 65 metros, os maiores, com forma um tanto alongada. Os morros do Pedregoso, do Colégio, da Formiga, do Quincas, são exemplos dêstes dois tipos. Queremos ressaltar que a baixa encosta da serra, por apresentar ocupação humana idêntica à que se verifica nesses morros e colinas, acha-se aí incluída, o que pode ser bem observado no mapa de relêvo aqui apresentado.

A formação dêstes morros e colinas de forma arredondada como “meias laranjas” que tão bem se destacam na várzea, foi a consequência de vários ciclos de erosão; isto se explica pelo fato de serem formadas do mesmo material de que se constituem as serras (rochas arqueanas — granitos e gnaisses). Também elas estão cortadas — por intrusões de rochas mais recentes, como ocorre nos maciços.

Enquanto as serras se apresentam como um todo bastante uniforme, caracterizadas por um escarpamento abrupto, a várzea oferece o contraste marcante de uma extensa planura pontilhada de pequenos morros e colinas de baixa altitude.

A influência do clima faz-se sentir, notadamente, em tôda a região, sendo mesmo o responsável pela diversidade da atividade agrícola das serras e da várzea. Tendo esta um clima tropical, — quente e úmido, cuja estação sêca ocorre no inverno e a chuvosa no verão (Aw, de KÖPPEN), modifica-se para o tropical de altitude (Cfa, de KÖPPEN) à medida que subimos o maciço. Os vales principais abertos para SW permitem a penetração dos ventos do quadrante sul, ocasionando o maior grau de umidade reinante em suas encostas, em oposição às voltadas para o N que recebem maior insolação anual.

A hidrografia da região está ligada às condições de relêvo aliadas ao clima úmido. Os rios que descem rapidamente a encosta modificam seu perfil longitudinal ao chegarem à baixada, tornando-se quase horizontais, com a característica, portanto, de rios de planície. O alto grau de umidade, proporcionando maior decomposição química, facilita, indiretamente, o transporte dos sedimentos dos rios, por ocasião



das chuvas As águas barrentas vão ocasionar o entulhamento da baixada.

É o caso do Guandu do Sena que nasce na serra do Mendanha e de seus afluentes — o rio dos Cachorros e o rio Guandu do Sapê, originados, respectivamente, da serra do Lameirão e do morro do Guandu. São êles os responsáveis pelas inundações ocorridas na várzea, donde a necessidade de se abrirem valas de drenagem para possibilitar o aproveitamento das terras baixas.

Acham-se, atualmente, retificados e dragados.

Essas inundações eram freqüentes nos meses de verão, pois, nestes é que ocorrem as grandes quedas de chuvas, cujo total é, especialmente, elevado na serra por constituir ela um obstáculo à penetração dos ventos litorâneos

Pelo que vimos expondo observamos que, embora a paisagem física se apresente bastante diferenciada em seus elementos, mostram êles estreitas relações entre si, constituindo uma mesma unidade e não três paisagens distintas.

Os perfis geológicos aqui apresentados (fig 3) mostram bem a morfologia do vale do Mendanha <sup>3</sup>

O perfil AB, tomado do pico do Marapicu em direção ao morro do João Vicente, isto é, de noroeste para sudeste, dá-nos uma idéia da grande largura da várzea a sudoeste São freqüentes aí os morros e as pequenas colinas cujas altitudes obedecem a níveis regulares de 35 — 40 metros e de 50 — 65 metros. Desenvolvendo-se regularmente por todo êste trecho fazem vivo contraste com o morro do Marapicu, em virtude da grande altitude dêste.

Os perfis CD e EF, tomados mais para leste, acusam o estreitamento da baixada naquela direção. Cortada pelo rio Guandu do Sena em tôda sua extensão, desenvolve-se entre as encostas da serra do Mendanha e da serra do Quitungo que representam, respectivamente, as margens direita e esquerda do citado rio. As serras acompanham o sentido geral NE—SW e apresentam forte contraste na altitude É interessante notar que não ocorrem aí as pequenas colinas, tendo a várzea aspecto bastante plano.

Apesar de estarem englobadas numa única paisagem, contribuindo, assim, para a formação de uma unidade, cada um dêsses elementos a que nos referimos oferece condições diferentes de aproveitamento pelo homem Diferenças estas que são bastante acentuadas pela diversidade dos solos da baixada e das serras aliados ao clima e à hidrografia

<sup>3</sup> Geologicamente, foram os perfis baseados no "Mapa Geológico do Distrito Federal", organizado pelo Prof EVERARDO BACKHEUSER em 1925 e apresentado em seu artigo "A Geologia do Distrito Federal" in *Boletim Geográfico*, ano III, n 35

Todavia, por não nos ser possível localizar, precisamente, as ocorrências de rochas euíptivas na região, figuram elas, juntamente com o embasamento cristalino, numa mesma convenção Para o morro do Marapicu, entretanto, comprovadamente formado em sua maior parte de sienitos nefelínicos, usamos uma convenção especial Para maiores detalhes consultar: <sup>1</sup> — BACKHEUSER, Ezequiel — Obra citada <sup>2</sup> — LAMEGO, Alberto Ribeiro — *O Homem e a Guanabara* —, 229 páginas Conselho Nacional de Geografia — 1948



Fig. 6 — A várzea no seu trecho mais largo situado a sudoeste da zona do Mendanha apresenta-se com grande número de pequenas colinas que constituíram bom campo para a expansão dos laranjais (Foto do autor)

### III — AS CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS PAISAGENS CULTURAIS

Ao percorrermos a região verificamos, desde logo, a existência de diferentes paisagens culturais que se sucedem à medida que penetramos pelo vale ou subimos as serras.

Saindo do subúrbio de Campo Grande e seguindo para o norte, temos o primeiro contacto com a área em estudo através da estrada do Mendanha. Cortando tôda a zona da baixada a ela vêm ter outras estradas, tornando-se, assim, o principal eixo de ligação do vale do Mendanha com aquêlo subúrbio.

É ao longo dela que se situam as chácaras-recreio, denunciadas sempre por boas vivendas e onde as atividades agrícolas se diversificam e aparecem ou sob a forma de pomares bem cuidados, ou de pequenas lavouras, salientando-se, também, por vêzes, a criação de galinhas para a produção de ovos. Não raro, no entanto, encontramos sítios onde essas diferentes atividades se combinam, achando-se englobadas num tipo de exploração aí chamado “misto”

À medida que nos aproximamos do largo do Mendanha situado bem ao centro do vale, notamos, gradativamente, a transformação da paisagem das chácaras de recreio chegamos ao domínio dos pequenos sítios passando, ora por terrenos em que o aproveitamento agrícola está se iniciando como o atestam as pequenas lavouras recém-iniciadas,

ora por terrenos abandonados cujos proprietários se desinteressam da lavoura e aguardam oportunidade para vendê-los ou retalhá-los.

Do largo do Mendanha em diante, tôda a área leste-oeste, com exceção de um pequeno trecho, ainda na mesma estrada, representa uma zona cujos habitantes vivem, exclusivamente, da exploração da terra, dela tirando seu sustento. Estamos, então, diante do vale do Mendanha pròpriamente dito, onde as paisagens se diferenciam obedecendo ao contraste entre as "serras" e a "várzea". No entanto, se podemos grupá-las em certos trechos, segundo uma cultura predominante, em outros, apresentam-se elas bastante complexas dando-nos a impressão de um aproveitamento intensivo da terra. A preocupação de uma lavoura sistematizada parece, assim, não existir.

Os laranjais destacam-se, desde logo, na paisagem à qual imprimem feição peculiar. Ocupando a várzea onde se apresentam, muitas vêzes, em combinação com uma lavoura mista, estendem-se pelas pequenas colinas e baixas encostas das serras. Esta paisagem dos laranjais contrasta vivamente com as encostas mais elevadas das serras não só pela diversidade de culturas, como também, pelo tipo de ocupação e gênero de vida de seus habitantes.

Enquanto na baixada, nos morros e nas baixas encostas, predominam os grandes laranjais e a lavoura mista que também está assumindo alguma importância, é na serra que se localizam os extensos bananais e as grandes latadas de chuchu. A várzea apresenta maior diversidade, notando-se em certos trechos plantações de mamão, em outros destacando-se a criação de galinhas e porcos, para subsistência ou não. As habitações situam-se, de preferência, no sopé dos morros isolados, a presença de boas estradas faz do caminhão o meio de transporte natural.

Já na serra, a criação de galinhas para subsistência restringe-se aos sítios localizados nas partes mais baixas até à meia-encosta, e a mercadoria chega às estradas principais no lombo dos burros ou cavalos. Não é sem alguma dificuldade que divisamos as habitações que aí existem: acham-se elas, quase sempre, ocultas por pequeno bosque, geralmente, composto de mangueiras, o que lhes dá um aspecto bastante pitoresco (Fig. 7).

Para oeste atingimos o cruzamento das estradas do Mendanha, Pedregoso e Marapicu. Por esta último chega-se ao limite do Distrito Federal com o estado do Rio. Corresponde ao trecho noroeste da zona do Mendanha e os sítios localizam-se, principalmente, nas baixas encostas do morro do Marapicu e exploram, ao lado de uma lavoura mista e uma horticultura, um pequeno pomar onde figuram laranjeiras e mamoeiros. Aparecem, ainda, bananais nas altas encostas mas, o contraste com a várzea é dado pela extensa reserva de matas que aparece no morro do Marapicu.

A estrada do Pedregoso leva-nos a uma mudança súbita, mudança na paisagem. O panorama das atividades agrícolas é substituído pelo



Fig 7 — Casa de lavrador — A existência de uma boa habitação como a que aparece aqui na fotografia demonstra, sempre, que o lavrador é o dono da terra, revelando, ainda, o seu grau de prosperidade (Foto do autoi)

da atividade pecuária, sendo isto comprovado ao depararmos morros e colinas cobertos de capim alto onde pasta o gado. Destacamos, também, neste trecho oeste uma área outrora ocupada pela fazenda Guandu do Sapê e cuja venda ao Ministério da Marinha transformou-a em zona de ocupação militar, destinada à construção da fábrica de armamentos da Marinha.

Nesta região, tão bem servida de estradas de rodagem, é comum o aparecimento, nos entroncamentos das mesmas, de pequenas vendas que fornecem ao lavrador as mercadorias de que necessita para seu sustento e que não pode retirar da terra que cultiva. Têm, no entanto, um alcance maior pelo que representam na vida social do lavrador constituindo os pontos de contacto dos lavradores das serras com os da baixada.

São estas as paisagens culturais que se nos apresentam ao percorrermos o vale do Mendanha. Podemos dizer que elas aparecem caracterizadas, nitidamente, à primeira vista, por dois aspectos principais — o das “serras” e o da “baixada”. O contraste físico seria, assim, a principal causa da diferenciação na ocupação humana, estando esta, portanto, estreitamente ligada às condições topográficas da região. A influência, contudo, de outros fatores — físicos e humanos, — veio contribuir para o aparecimento de novas modalidades na ocupação existente não só na várzea, como também, nas serras.

## IV — A OCUPAÇÃO NA BAIXADA

Ainda hoje, ao percorrermos a extensa baixada do vale do Mendanha vemos que a nota característica de sua ocupação humana é dada pela ocorrência de grandes laranjais.

Remanescentes de uma época em que a citricultura ocupava lugar saliente na economia da região, continuam êles a constituir a sua principal fonte de renda. Observamos, no entanto, que essas antigas paisagens, em grande maioria, já não se apresentam aí com o caráter exclusivo de outrora. Isto é demonstrado pela existência de pequena faixas de cana-de-açúcar ou de mandioca por entre as “ruas” das laranjeiras, sem contar com os trechos naquela época ocupados por elas e, hoje, destinados à lavoura mista. Esta, atualmente, apresenta-se com papel de importância na economia da região, sendo poucos os lavradores que não a praticam. Tal fato é conseqüência da maior necessidade de diversificação no aproveitamento da terra, o que é bastante explicável se considerarmos a situação difícil em que se viram os agricultores durante a crise da laranja.

A carta do Serviço Geográfico do Exército de 1922 assinalava, ainda, extensas áreas em capoeira, em grande parte da baixada. Era o que resultara da decadência dos antigos engenhos de açúcar e seu conseqüente abandono <sup>4</sup>. O mesmo mapa mostra-nos, ainda, que nas encostas do morro do Manuel José já começavam a despontar os pomares de laranjeiras que iriam atingir um grande surto de expansão quando as possibilidades de exportação para a Europa Ocidental tornaram-se maiores, o que ocorreu a partir de 1926 <sup>5</sup>.

Em breve, a região do Mendanha teve sua baixada e as pequenas colinas que a povoam, totalmente, ocupadas pelas cítricas — uma réplica do que estava acontecendo por toda a Baixada Fluminense.

Ainda hoje, permanecem elas aí fornecendo um testemunho, bastante expressivo, da ocupação dominante na Baixada anteriormente à crise provocada pela segunda guerra mundial.

Algumas áreas de seu antigo domínio, pertencentes às partes mais planas da várzea, acham-se, hoje, ocupadas por uma lavoura que poderíamos chamar de mista, uma vez que nela figuram o chuchu, a mandioca, a batata, a berinjela, o quiabo e o jiló. Esta lavoura, outrora de subsistência, assume, nos dias atuais, um papel de certa importância na economia da baixada. Tal mudança é, sem dúvida, uma conseqüência bastante lógica da crise verificada quando a monocultura da laranja representava o principal valor econômico. A exploração de produtos que garantissem a situação do lavrador diante das oscilações

<sup>4</sup> A Carta Topográfica da Capitania do Rio de Janeiro” de MANUEL VIEIRA LEÃO — datada de 1767, assinala o engenho de Mendanha. Por outro lado, VIEIRA FAZENDA em *Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro* apresenta uma relação os engenhos de Campo Grande, entre os quais figuram o do Mendanha e o do Guandu pertencentes, respectivamente, ao capitão FRANCISCO CAETANO DE OLIVEIRA e a FRANCISCO DA SILVA SENE

<sup>5</sup> SILVEIRA MENDES, Renato — *Paisagens Culturais da Baixada Fluminense*, p. 74

do mercado, agora bastante instável, apresentou-se, então, aos olhos daqueles que tiravam da terra o seu meio de vida, como uma necessidade premente para sua sobrevivência.

Também contribuiu para a expansão da cultura mista, o crescimento do mercado consumidor do Rio de Janeiro, ou, mais diretamente, de sua zona suburbana, garantindo colocação certa e preços compensadores para os produtos da pequena lavoura.

Isto pode ser corroborado se atentarmos para o surgimento de novos laranjais, agora, no entanto, formados de laranjas lima, seleta e baía, de grande aceitação no mercado interno e que figuram, hoje ao lado da espécie preferida para a exportação que é a laranja pêra.

Este fato ficou bastante evidenciado nas terras pertencentes à fazenda Guandu do Sena e Sete Riachos. Ocupando a parte central da região em estudo, abrange uma área de cêrca de 6 600 000 metros quadrados, compreendendo trechos da várzea e de serras, suas terras estão, atualmente, arrendadas a oitenta e dois lavradores, que nelas se vêm fixando há uns 30 ou 40 anos.

Acham-se muito bem servidas de estradas de rodagem sendo cortadas pelas estradas dos Sete Riachos, Guandu do Sena e Guandu tendo, assim, escoamento fácil para seus produtos.

A fig 9 mostra o aproveitamento da terra num sítio da baixada pertencente a esta fazenda



Fig 9 — Aproveitamento da terra — O aproveitamento da terra no vale do Mendanha acha-se bem patenteado na utilização das terras planas para lavoura mista, nas pequenas colinas com seus laranjais. Ao fundo os extensos bananais da serra do Mendanha e a estreita faixa de mata correspondente às reservas obrigadas por lei (Foto do autor)

A propriedade é dividida de modo a ocuparem as culturas mistas os trechos mais planos, enquanto que, nas pequenas colinas, estendem-se os laranjais, geralmente, destinados à exportação. As lavouias de chuchu, quiabo, jiló e mandioca são as preferidas pelos sítiantes, constituindo a época do plantio a que abrange o período de fevereiro a maio. A cultura do chuchu é feita sob a forma de "latadas" e, ocupa, de preferência, os terrenos que se acham bem servidos de água.

Cultivadas, sempre, no mesmo lugar, não ocorre aí, portanto, a rotação de culturas. Também, a existência de pequenas capoeiras não indica rotação de terras. Correspondem, apenas, às reservas de lenha com que conta o lavrador para seu consumo. Assim, o uso do adubo e, de preferência, do adubo orgânico, é feito em larga escala para todas as culturas visando ao melhor rendimento do solo. É interessante observar que, também, as laranjeiras são adubadas, o que, entretanto, não acontece com os bananais que, na baixada, têm caráter pouco importante<sup>6</sup>.

A laranja pêra, destinada à exportação, é, ainda hoje, no entanto, a mais cultivada, representando o forte da produção.

Novos pomares com variedades destinadas ao mercado interno (laranja lima seleta e baía) figuram, hoje, porém ao lado da espécie mais indicada para a exportação.

O mapa de uso da terra (Fig. 10) apresenta-nos uma extensão bem grande dessa modalidade de ocupação demonstrando que a influência da instabilidade do mercado se fez sentir em toda a extensa baixada cortada pelo rio Guandu do Sena. Verificamos, ainda que a localização dos laranjais permaneceu, preferencialmente, nos pequenos morros e colinas, estendendo-se pelas baixas encostas das serras, atingindo, por vezes, as cotas de 100 metros (Fig. 6).

Nos trechos da baixada em que eles figuram é concomitante o aparecimento de valas para facilitar o escoamento das águas das chuvas impedindo que as plantações venham a sofrer com as inundações que se possam verificar na região, a despeito das dragagens dos rios. Tal fato é devido, em parte, à presença da "tabatinga", oculta por pequena camada de solo que varia de 50 a 10 centímetros, cuja impermeabilidade impede a infiltração da água.

No entanto, a várzea apresenta boas condições para o desenvolvimento das laranjeiras: os solos arenosos, constituídos de aluviões trazidas da encosta e o grau de insolação a que está sujeita, fazem com que elas aí vicejem bem, constituindo, até então, a cultura de maior valor comercial (fig. 11).

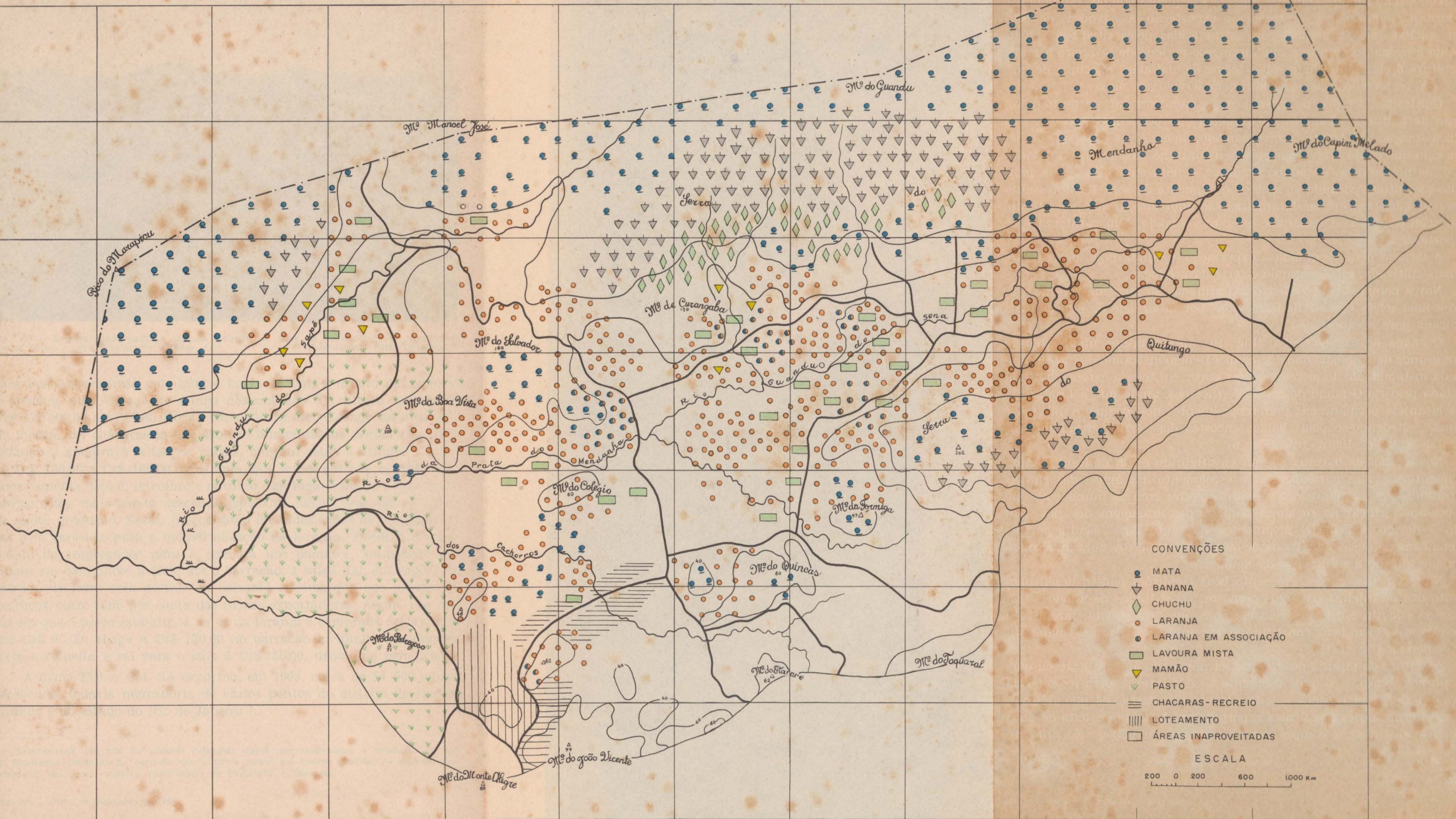
A cultura da laranja pode ainda ser destinada à exportação ou não. No primeiro caso — o mais freqüente — é a laranja pêra a preferida para tal fim. Sua compra é feita através dos barracões que figuram como intermediários das firmas exportadoras. A compra é feita de duas maneiras distintas, a compra por chácara ou por caixas. No primeiro

<sup>6</sup> A banana d'água é a espécie cultivada na baixada, sendo poucos os bananais que aí ocorrem.

# VALE DO MENDANHA

## MAPA ESQUEMÁTICO DO USO DA TERRA

1954



- CONVENÇÕES**
- MATA
  - BANANA
  - CHUCHU
  - LARANJA
  - LARANJA EM ASSOCIAÇÃO
  - LAVOURA MISTA
  - MAMÃO
  - PASTO
  - CHACARAS - RECREIO
  - LOTEAMENTO
  - ÁREAS INAPROVEITADAS

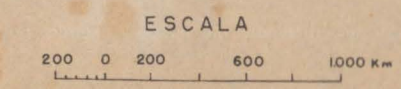






Fig 11 — Laranja num sítio da fazenda Guandu do Sena. A habitação, como geralmente ocorre, ocupa o sopé dos morros isolados (Foto Alfredo Pôrto Domingues)

caso lavra-se contrato pelo qual o barracão tem o direito de explorar a chácara num espaço de tempo determinado. Os preços variam de Cr\$ 120 000,00 a Cr\$ 180 000,00, por chácara, dependendo da avaliação da mesma. As chácaras já não são tão numerosas na região (fig. 12). Quando a compra é feita por caixas, chegam estas a atingir o preço de Cr\$ 160,00 a Cr\$ 180,00 cada uma, nos meses em que o preço sobe enormemente, isto é, setembro e outubro. Em maio e junho é quando os preços estão mais baixos descendo para Cr\$ 120,00, pois são os meses de maior produção. Nestes preços estão incluídas tôdas as despesas feitas pelo barracão para a industrialização da laranja. Desde o fornecimento de empregados para a colheita nos pomares, transporte das caixas em caminhões a frete até o barracão, a saída daí, em vagões da estrada de ferro com destino ao cais até o embarque nos navios frigoríficos, corre tudo por conta das firmas exportadoras. Assim, nos meses em que o preço está alto, a caixa da laranja é comprada ao lavrador por Cr\$ 90,00, chega a Cr\$ 120,00 no barracão incluindo despesas de frete e colheita e sai para o cais a Cr\$ 180,00, depois de beneficiada.

A firma Fisher Cia SA exportou, em 1953, cêrca de 84 000 caixas recebendo, todavia mercadoria de vários pontos do distrito de Campo Grande e do estado do Rio de Janeiro <sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Infelizmente não nos foi possível conseguir dados que mostiassem a produção do vale do Mendanha destinada ao barracão que a firma possui em Campo Grande. As maiores contribuições são dadas, todavia, pelas zonas de Paciência e Palmeiras.

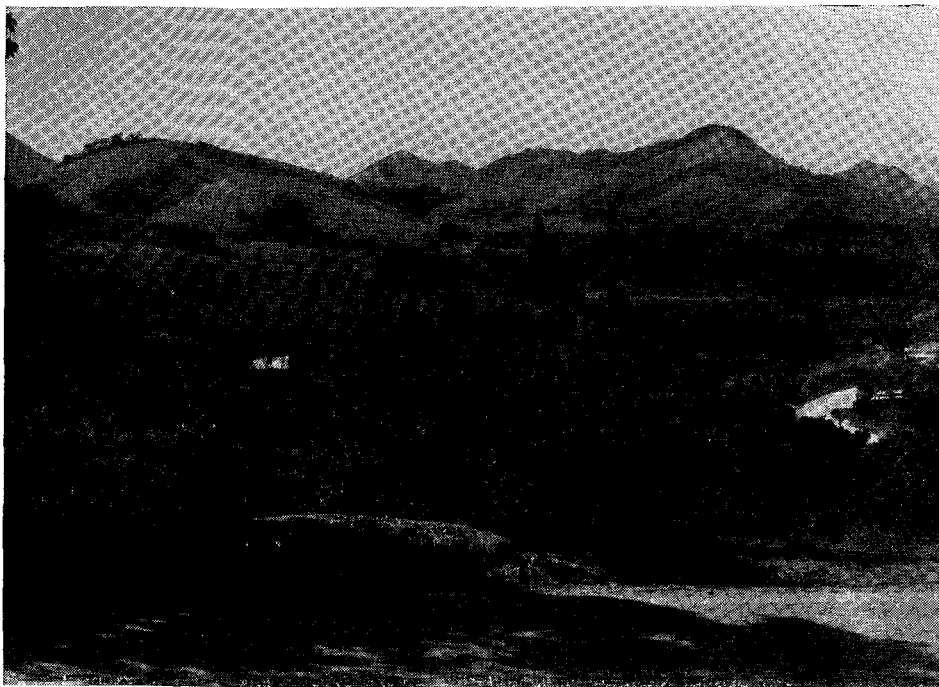


Fig 12 — Chácara de laranja — Chácara na estrada do Mendanha, exclusivamente, formada de laranjeiras. Já não são freqüentes na região. Observar o pomar muito bem cuidado. Ao fundo a serra do Quitungo (Foto Alfredo Póto Domingues)

A exportação atual é feita em maior parte para a Argentina. O mercado interno, representado, principalmente, pelo Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, é servido pelo “refugo”, isto é, pelo que resta depois que as laranjas passam pelas secções de seleção e escolha <sup>8</sup>. É ela vendida aqui para o Mercado Municipal e feiras livres dando Cr\$ 50,00 a caixa. As variedades lima, seleta e baía destinam-se, exclusivamente, ao mercado interno.

A agricultura do vale do rio Guandu do Sapê tem em mira, principalmente, o mercado interno. A lavoura mista não se apresenta com freqüência neste trecho em que a horticultura está mais bem representada. A alface constitui a especialidade dos lavradores daí, sendo cultivada de março a outubro quando, então, é substituída pelo jiló e o quiabo, plantas de tempo quente. Os pomares de laranja lima apresentam-se em maior número, pois, não havendo a preocupação da exportação aquela variedade é a mais procurada. São mais freqüentes aí as áreas destinadas às plantações de mamão, cultura que vem encontrando boa aceitação entre os lavradores, tal como nos é demonstrado pelas ocorrências que aparecem em nosso mapa de Uso da Terra.

<sup>8</sup> O beneficiamento da laranja destinada à exportação impoita em várias fases. A primeira é a de escolha e seleção na conformidade do tamanho e do aspecto da laranja; segue-se a lavagem, polimento e conservação; daí espera um dia para secagem quando, então, é feita a embalagem sendo a rumadas nas caixas segundo os diferentes tamanhos que ela possa apresentar.

Os barracões possuem, também, a secção de encaixotamento, onde são armadas as caixas de embalagem, sendo o pinho-do-paraná a madeira usada para isso.

Os lavradores, daí, são pequenos sitiantes que radicados no distrito de Realengo onde se dedicavam ao cultivo de hortaliças, para cá vieram quando a fazenda dos Macacos onde se achavam instalados começou a ser loteada. Passaram, então, a ser arrendatários de pequenas propriedades variando o preço do arrendamento de Cr\$ 150,00 a Cr\$. . . Cr\$ 400,00 mensalmente, de acôrdo com a extensão da propriedade. Dedicando-se ao cultivo da alface dos tipos repolhuda e romana, como sua especialidade, também figuram no aproveitamento da terra as culturas de quiabo e jiló que, sendo plantas de verão, substituem a alface cultivada nos meses mais frios fazendo-se, assim, pequena rotação de culturas. As latadas de chuchu e a mandioca aparecem, ainda, neste trecho. A fruticultura acha-se representada pelos pomares de laranja lima, de mamoeiros, situando-se a banana, de preferência, nas encostas do morro do Marapicu.

O adubo orgânico comprado em Nilópolis, geralmente à razão de Cr\$ 500,00 por caminhão, é usado aqui, principalmente, na lavoura mista e nas laranjeiras.

O que caracteriza êste pequeno trecho noroeste da zona do Mendanha, correspondente ao vale do rio Guandu do Sapê, é ser a sua atividade agrícola, tanto no que se refere à lavoura mista quanto a fruticultura, exclusivamente, dedicada ao mercado interno. Já a ocupação no fundo do vale do rio Guandu do Sena, tendo como base a exportação da laranja empresta à atividade agrícola maior desenvolvimento. É preciso notar, no entanto, que no primeiro caso os lavradores reconhecem bem sua condição de arrendatários enquanto que os sitiantes do segundo, muitos já são os donos das terras e outros assim se consideram em virtude de estarem aí fixados há muitos anos.

O mapa de Distribuição da Habitação assinala a pequena concentração de população que caracteriza êste trecho da baixada, enquanto que, a leste, no fundo do vale acha-se uma população bem mais dispersa.

Os diversos tipos de aproveitamento da terra mostram um aspecto interessante, comum a todos êles e que está bem generalizado, o emprêgo da adubação, principalmente do adubo orgânico. Sendo usado em tôdas as culturas mostra bem melhor compreensão na aplicação das técnicas agrícolas. Apesar de não haver na baixada o equilíbrio ideal da agricultura em estreita relação com a pecuária, queremos ressaltar que a criação de galinhas e porcos, sem constituir fator importante, está bastante ligada à atividade agrícola através do sistema de adubação. Tendo embora pequeno desenvolvimento permite sua utilização para tal fim.

Em tôda a baixada a população é representada na sua grande maioria por lavradores portugueses, muito dêles ilhéus que aí se radicaram já há algum tempo e, também, por brasileiros. Os sistemas agrícolas empregados são os mesmos, quer se tratando de portugueses, quer de brasileiros. A rotação de terras ou de culturas não aparece aí. Os diversos produtos ocupam sempre os mesmos lugares sendo, no entanto,

adubados antes de cada plantio. Um aproveitamento intensivo da terra é, muitas vezes, evidenciado pela presença de culturas associadas. A laranja com a cana e a laranja com a banana representam as combinações mais frequentes.

A mão-de-obra é constituída pelos próprios lavradores que trabalham a terra com a ajuda dos outros membros da família. Nos sítios maiores contam, no entanto, com dois ou três empregados assalariados, principalmente diaristas, cujo salário varia de Cr\$ 40,00 a Cr\$ 50,00. É bastante comum o uso de empreiteiros nas zonas em que a cultura extensiva da bananeira e laranjeira assim o exige. São contratados na época da colheita ou, então, para a limpeza dos pomares, saindo pelo preço médio de Cr\$ 2,00 a limpeza de uma laranjeira.

Os produtos da baixada servem ao mercado interno; com exceção de, apenas, um produto destinado à exportação (a laranja pêra), o restante contribui para o abastecimento da cidade do Rio de Janeiro.

O mapa de Uso da Terra mostra trechos que muito se diferenciam da atividade agrícola tão característica da baixada. Três tipos distintos aí aparecem, apresentando, contudo, um traço comum, responsável por essas diversas modalidades. Constituem elas o reflexo de um fato que se está processando em diversos pontos da Baixada Fluminense — a especulação das terras. Realmente, os loteamentos representam, hoje em dia, atividade bastante rendosa que se vem propagando em larga escala pelos subúrbios do Distrito Federal. As modificações que êle vem operando na paisagem são radicais. A transformação de zonas rurais em zonas urbanas atravessa diferentes fases dando como consequência a modificação das paisagens existentes antes de atingirem elas o estágio final da urbanização. Estas modalidades surgem, justamente, pelo fato de o loteamento não se processar imediatamente à compra da terra favorecendo, assim, o aparecimento de terrenos vazios. Aguardam êles uma alta nos preços das terras para serem, então, vendidos e loteados. Por essa razão não permitem seus donos o estabelecimento de culturas permanentes, pois isto implicaria no pagamento de indenizações quando da venda ou loteamento dos terrenos. Assim, por vezes, permanecem abandonados, como acontece em diversos trechos da região. No entanto, na parte oeste, êste processo propiciou o aparecimento da atividade pecuária que se destaca, nitidamente, do caráter predominante agrícola de todo o vale. É ela caracterizada por uma faixa de extensos pastos onde se cria gado leiteiro. (Vide mapa de uso da terra). Corresponde êste trecho a lote da antiga fazenda do Pedregoso que aí tinha sua sede e que foi durante a época da laranja a maior chácara da região. Com cêrca de 40 000 laranjeiras tinha sua produção diretamente enviada para o mercado inglês. A queda da laranja acarretando o abandono da produção provocou a venda da propriedade.

A Companhia de Terras e Melhoramentos comprou, então, o trecho situado ao sul da fazenda, hoje, transformado em pasto, destinando-o ao loteamento para construções urbanas. Enquanto isso não se verifica arrenda as terras para a criação de gado leiteiro, que é feita em mol-

des rudimentares em vista de seu caráter provisório. O terreno é dividido em vários pastos; quando um está esgotado passam para outro e deixam renascer a grama no antigo. Não usam plantar pasto, portanto Com cerca de 200 cabeças de gado, o leite produzido é vendido em Campo Grande. É interessante notar que constitui esta a zona de passagem das boiadas que, vindo de Nilópolis ou Nova Iguaçu, dirigem-se para o Matadouro de Santa Cruz Aproveitam-se da facilidade de comunicação oferecida pelas estradas do Marapicu e Pedregoso ligando aqueles centros com o distrito de Santa Cruz.

A pequena e esparsa população, tão peculiar às zonas de gado, acha-se, também, aqui representada, contrastando com as bastante povoadas do resto da baixada. (Ver mapa de distribuição da habitação).

Esta tendência ao loteamento que propiciou o aparecimento desta zona pecuária encontra, porém, a leste do vale do Mendanha forte obstáculo nas terras pertencentes às fazendas Guandu do Sena e Sete Riachos Seus lavradores aí estabelecidos desde 1913, arrendatários de áreas cujos preços variavam entre Cr\$ 500,00 e Cr\$ 1 000,00, conforme a extensão do terreno, negam-se a sair daí apesar de ter sido, no entanto, a propriedade vendida à Companhia Nossa Senhora das Graças, para fins de loteamento urbano. Em virtude, porém, de ser a região considerada zona rural (por ato de 9 de setembro de 1949) a Companhia resolveu fazer lotes maiores para sítios, chácaras e granjas (lotes de 12x30 metros), o que, também, não apresenta interesse para os lavradores

A questão está em suspenso não cogitando os lavradores em abandonar os terrenos nos quais estão radicados há tantos anos

Esta divisão das terras em pequenos lotes redundaria numa ocupação humana na forma de pequenos sítios de veraneio que se aproveitariam de uma situação de fácil acesso em virtude da proximidade da zona urbana com a qual se comunicariam Se bem que figurem eles num pequeno trecho da estrada do Mendanha, como pode ser observado pelo mapa de uso da terra o que, realmente, caracteriza a extensa baixada da região do Mendanha é a atividade agrícola comercializada da qual vivem os lavradores que aí residem.

## V — A OCUPAÇÃO NAS SERRAS

As serras, aí representadas pela serra do Mendanha e a serra do Quitungo, apresentam atividades agrícolas que muito se diferenciam das da várzea mas que, todavia, não são uniformes entre si. A primeira, com sua encosta quase inteiramente tomada pelos bananais contrasta vivamente com a ocupação existente na segunda onde laranjais em decadência atestam seu antigo domínio.

Esta desigualdade de atividade está, sem dúvida, relacionada com as condições físicas que aí ocorrem. Se atentarmos na posição das duas serras na região, verificaremos que a direção NE—SW da serra

do Mendanha e da serra do Quitungo facilita, graças aos vales abertos para sudoeste, a penetração dos ventos daquele quadrante.

A encosta de sudeste (ou serra do Mendanha) apresenta maior grau de umidade especialmente no inverno, já a serra do Quitungo com sua encosta voltada para o norte está mais exposta aos raios solares, sendo portanto, mais aquecida

Temos, então, duas faixas paralelas de culturas semelhantes correspondendo às diferentes encostas. Na de sudeste acham-se as lavouras que necessitam maior grau de umidade enquanto que na serra do Quitungo, exposta para noroeste, predominam aquelas de maior insolação.

Confrontando os mapas de relêvo e uso da terra veremos que as áreas correspondentes às serras pròpriamente ditas, isto é, as encostas situadas acima de 100 metros de altitude são domínio quase que exclusivo dos bananais (fig. 14). Na serra do Quitungo, entretanto, a vertente voltada para o norte representa do ponto de vista da ocupação, um prolongamento da baixa encosta. Estendem-se aí os laranjais até a alta encosta, muito ensolarada que contrasta vivamente com a vertente fronteira do Mendanha. Isto será mais bem comprovado se atentarmos que o mesmo fenômeno ocorre na serra de Madureira, como é chamada a encosta norte da serra do Mendanha, que se acha voltada para os lados de Nova Iguaçu, onde os laranjais, também, alcançam quase o cimo da serra.



Fig 14 — A Meia-Encosta — A fotografia acima tirada da estrada do Mendanha em direção leste mostra-nos a meia encosta da serra parcialmente invadida pelos bananais  
(Foto Nilo Bernardes)

Se observarmos a carta do Distrito Federal, elaborada em 1922 pelo Serviço Geográfico do Exército, na área correspondente ao vale do Mendanha, notaremos aí grandes extensões de matas e capoeiras das quais, hoje, poucos exemplos restam.

Comparando-a com o mapa de uso da terra, veremos que as grandes concentrações de vegetação acham-se, agora, em dois pontos principais — a noroeste, no morro do Marapicu e a nordeste fazendo parte da reserva de mata da reprêsa do Guandu. Nas cumiadas dos morros aparecem elas correspondendo às reservas obrigadas por lei. A área restante apresenta-se com aspecto bem diferente — acha-se, hoje, caracterizada pela existência de culturas que se diversificam em relação às possibilidades do meio físico.

No decorrer do tempo as paisagens agrícolas do vale do Mendanha vieram se modificando sem, todavia, deixar de obedecer a êste aspecto contrastante do relêvo.

O café parece ter tido alguma importância antes de o surto canavieiro ter atingido esta região.

Cultivado na fazenda do Mendanha, desde 1780, na sua cultura muito se esmerava seu proprietário — o Pe ANTONIO CORTO DA FONSECA, “tanto que por meio de máquinas espremia o café, lavava, secava e o preparava até o ponto de beber-se. Com a compra do engenho do Mendana, substituiu êle, no entanto, as grandes plantações de café pelos canaviais”<sup>9</sup>

A lavoura canavieira vicejando melhor na várzea e proporcionando maior rendimento terminaria por desbancar o café que, no entanto, iria ressurgir, mais tarde, nas serras devastando suas florestas, aproveitando-se da presença de terras altas que, no local, estavam bem representadas.

Constituindo o foco de propagação da lavoura cafeeira, pois dela saíram as mudas que “princiariam a povoar as terras mais distantes”<sup>10</sup> contribuiu, assim a zona do Mendanha para que ela alcançasse seu apogeu ao atingir a serra do Mar e o vale do Paraíba

A serra do Quitungo, durante a época da laranja, teve sua encosta norte, totalmente, tomada pelas cítricas cujos remanescentes, ainda hoje, continuam a ser explorados. Algumas reservas de mata constituídas de capoeiras, em virtude da devastação para o plantio dos pomares aparecem, também aí (Fig 4) Sua ocupação semelhante à da baixada faz um forte contraste com a serra do Mendanha, que lhe fica frente.

O relêvo abrupto e uniforme da serra do Mendanha veio contribuir para o aparecimento de uma monocultura para a qual êstes eram fatores favoráveis.

<sup>9</sup> TAUNAY, Afonso de E — *História do Café no Brasil* (No Brasil Colonial 1727-1822), vol II, cap XX, p 129

<sup>10</sup> TAUNAY, Afonso de E — *Obra citada*

A banana prata é a espécie cultivada na serra, estendendo-se pelos pontos mais altos da mesma, ultrapassando, por vêzes, a cota de 500 metros, como ocorre no morro do Guandu. Ela respeita, apenas, a cumiada dos morros, onde se acham as reservas de mata de 50 a 100 metros obrigadas por lei. (Fig. 15). A colheita dos cachos é feita, principalmente de outubro a fevereiro, época em que se dá o amadurecimento.



Fig. 15 — *Bananais na serra* — Aspecto do morro do Guandu totalmente ocupado por bananais. O cultivo do chuchu nos altos das encostas, como se vê aqui, constitui exceção. (Foto do autor)

Apresentando-se com caráter de monocultura permanente, pois, diversos bananais já vêm sendo explorados há cerca de 50 anos, acha-se o cultivo da banana combinado com o do chuchu que desempenha, então, o papel de cultura de entressafra, garantindo a estabilidade do agricultor.

A divisão das terras para as lavouras é feita, geralmente, de modo a ficarem as latadas de chuchu ocupando as partes mais baixas, enquanto que os bananais situam-se depois delas, estendendo-se de maneira uniforme pelas “noruegas” — nome dado aos grotões úmidos que aí ocorrem, e, pelas lombadas da serra. (Fig. 16).

Uma agricultura de subsistência em que figuram plantações de ciclo rápido, tais como, o feijão, a vagem, a abóbora e a cenoura é, também, praticada, aproveitando pequenas áreas de terra. As capoeiras apontam, também, aqui, o uso da lenha como combustível.

Uma ou outra árvore frutífera, como a mangueira, o abieiro ou abacateiro completam o cenário de um sítio da serra.



Esta disposição está, sem dúvida, relacionada não só com a declividade do terreno, como também com o tempo de plantação e colheita dos produtos.

A cultura do chuchu feita, quase sempre, sob a forma de latadas, aproveitando-se, por um lado, da existência de boas aguadas, teve, porém, na declividade da serra um fator desfavorável a vencer. A necessidade de retenção da terra surge, então, sob a forma de um esbôço de terraceamento com o qual o lavrador procura deter o deslocamento do solo (Fig 17). A presença de agricultores, oriundos da ilha da Madeira, faz-nos crer que estamos na presença de uma contribuição cultural por eles trazida. A semelhança do que lá faziam, procuraram, com os meios de que dispunham, “evitar o corrimento da terra”. É interessante observar que vimos este mesmo costume adotado por um lavrador brasileiro que, embora não dando às pedras a mesma disposição que o lavrador ilhéu, arrumou-as no terreno de modo a obter efeito semelhante (Fig 18).

A umidade da serra favoreceu a antecipação da época do plantio do chuchu. Enquanto que na várzea o plantio começa a partir de março, podendo as primeiras colheitas ser efetivadas de junho em diante, aqui, sendo ele iniciado em janeiro, já em março o produto está sendo vendido ao consumidor.

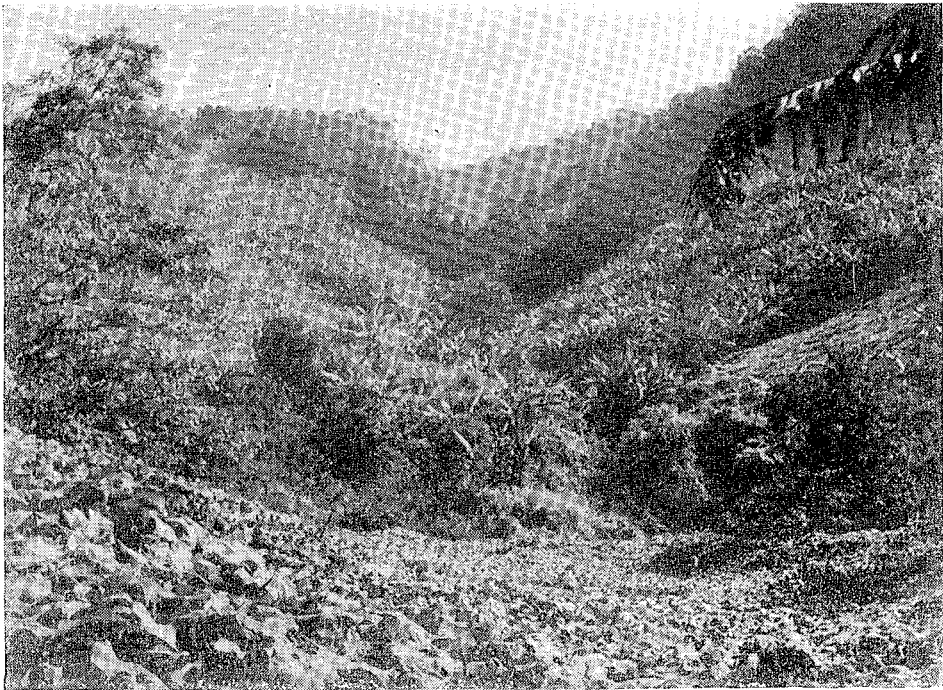


Fig. 16 — Culturas na serra — As culturas de chuchu e banana são predominantes na serra do Mendanha. O chuchu ocupa o primeiro plano enquanto os bananais estendem-se serra acima respeitando, apenas, uma faixa de mata nas cumiadas dos morros (Foto do autor)

A lavoura mista, com fins comerciais, não figura nas serras. A forte declividade do relevo representou o principal fator para que ela

aí não se instalasse. É interessante observar, no entanto, que a cultura do chuchu figurando na várzea ao lado de produtos que no conjunto constituem a lavoura mista, encontrou seu verdadeiro *habitat* nas ter-

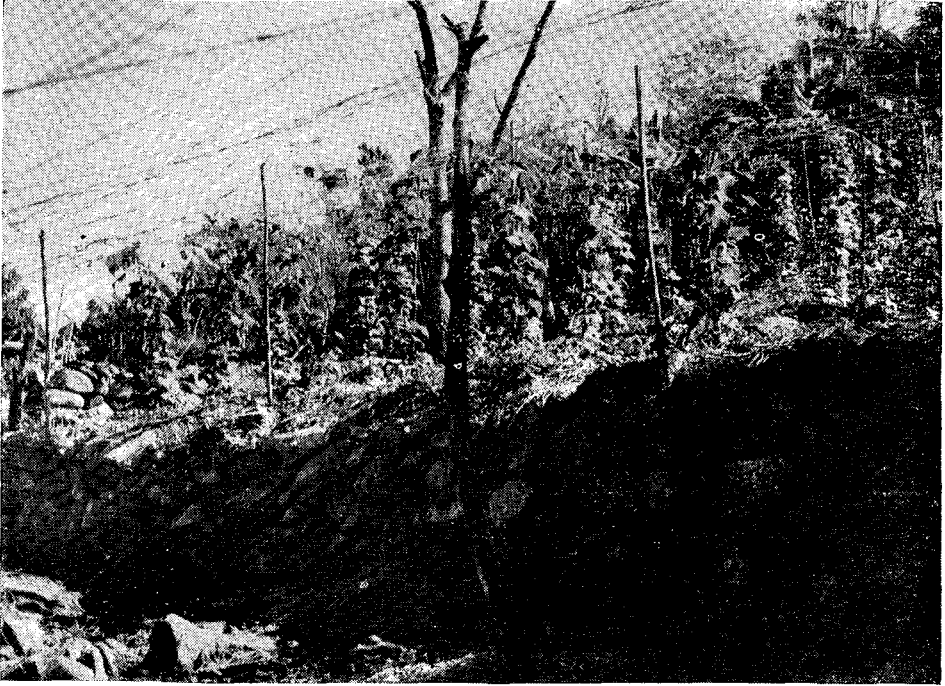


Fig 17 — Cultura do chuchu — A declividade do morro do Guandu determinou o aparecimento de uma tentativa de terraceamento usado pelos lavradores nas latadas de chuchu na serra (Foto do autor)



Fig 18 — Chuchu cultivado no chão em plena encosta da serra do Mendanha. A arrumação das pedras é feita de modo a dificultar o trabalho da erosão sobre a encosta desnuda



ras úmidas das serras, contribuindo, juntamente com os bananais, para a sua caracterização.

As reservas de mata do morro do Marapicú (Fig. 19) apresentam-lhe uma feição bastante diferente do restante da serra do Mendanha. Os bananais e a cultura do chuchu não assumem aí tão grande importância. A ocupação é mais intensiva na meia encosta e na baixada e a ela já nos referimos quando tratamos daquelas regiões.

Está, também, o emprêgo do adubo difundido nas serras. Em virtude de não figurar aí a criação de galinhas e porcos é êle fornecido por animais de carga — burros e cavalos — utilizados no transporte das mercadorias. Êle é empregado, principalmente, nas latadas de chuchu, não sendo utilizado para as bananeiras.



Fig. 19 — O Marapicú — Aspecto das reservas de mata do morro do Marapicú vindo-se à direita os lanajais em decadência do morro do Manuel José (Foto Alfredo Pôrto Domingues)

O caráter extensivo da agricultura da serra determina o aparecimento de empreiteiros nas épocas de limpeza dos bananais. O próprio lavrador cuida das outras lavouras auxiliado por membros da família ou, então, trabalha com, apenas, um empregado diarista à razão de Cr\$ 50,00.

A serra do Mendanha tem uma população constituída quase que exclusivamente de ilhéus. Sua população situa-se, de preferência, ao longo dos caminhos que aí se apresentam numerosos (Vide o mapa de vias de comunicação e distribuição de habitação fig. 13).

A produção é destinada, principalmente, ao Mercado Municipal sendo, o cacho de banana prata vendido a Cr\$ 120,00, enquanto que uma caixa de chuchu sai pelo preço de Cr\$ 100,00.

É interessante observar que essa uniformidade das culturas da serra influi, grandemente, para que os sítios se assemelhem de um modo geral.

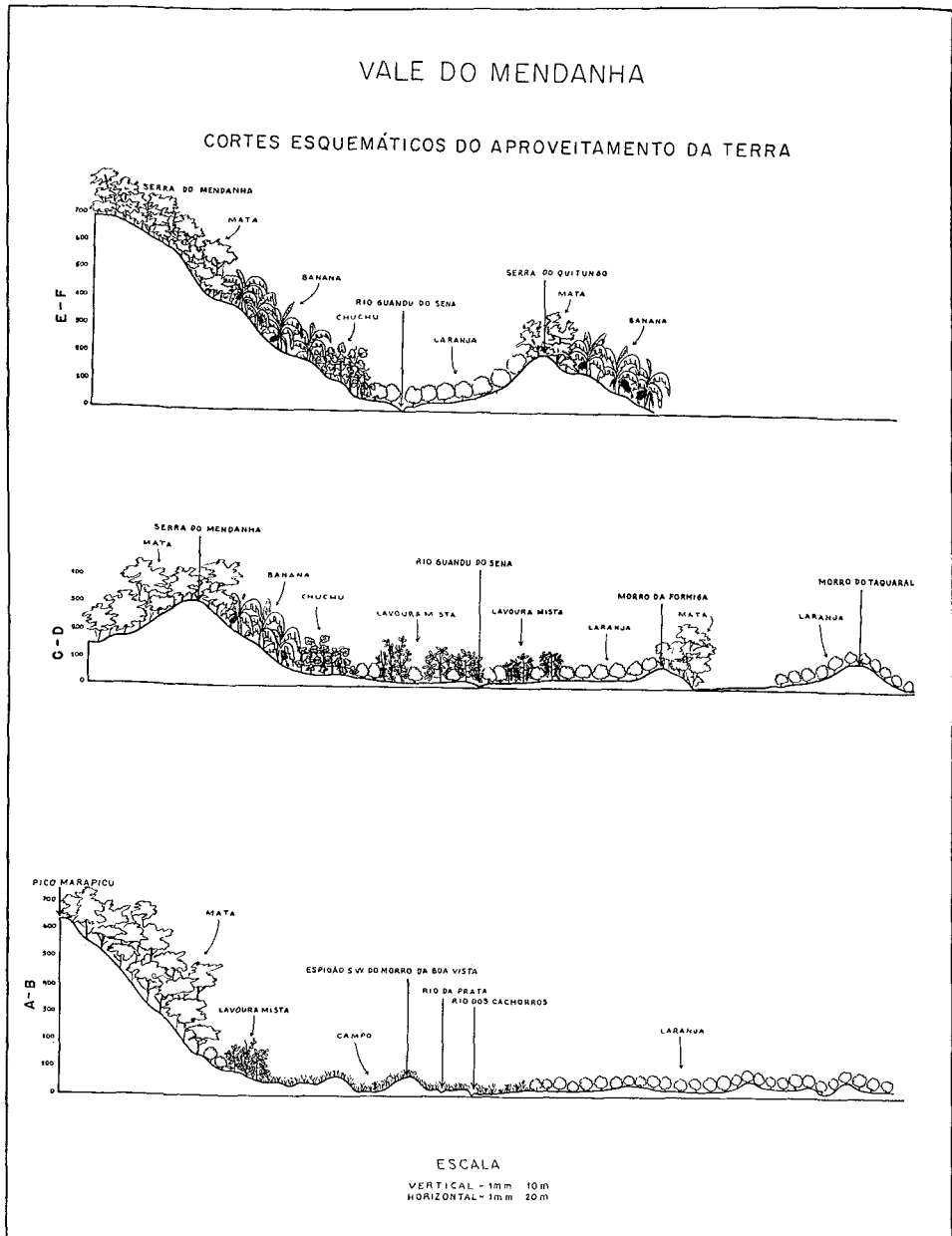


Fig 20

Os cortes esquemáticos do aproveitamento da terra no vale do Mendanha (fig. 20) demonstram bem a variedade de paisagens de toda a região. Tornam-se nítidas as diferentes ocupações que os fatores físicos e humanos fizeram surgir. Notamos, então, as gradações no aproveitamento da terra obedecendo aos fatores de relevo e clima. Na zona de baixada os grandes laranjais intercalados por trechos onde se

desenvolve bem uma lavoura mista, tal como pode ser observado nos perfís CD e EF, correspondendo às terras arrendadas das antigas fazendas do Guandu do Sena e Sete Riachos.

O perfil AB evidencia as diversas paisagens que o trecho sudoeste da várzea apresenta. Caminhando-se de sul para oeste temos, estendendo-se pelos morros e colinas, grandes laranjais, a zona pecuária surgida devido ao fator loteamento e à proximidade do Matadouro de Santa Cruz; a pequena zona agrícola dos lavradores vindos de Realengo e a extensa reserva de mata do morro do Marapicu.

## VI — A CIRCULAÇÃO E OS CONTATOS DA SERRA COM A BAIXADA

Mostramos até aqui o desenvolvimento da agricultura no vale do Mendanha e a influência que sobre ela tiveram as condições que o meio físico apresentava e o seu conseqüente aproveitamento pelo homem.

Queremos, entretanto, ressaltar que êste desenvolvimento só se pôde efetuar graças ao bom número de estradas de rodagem aí existente e à proximidade do Rio de Janeiro. Seu traçado obedecendo à morfologia da região faz com que elas se alonguem para leste alargando-se para oeste, acompanhando o sopé das serras em tôda a sua extensão, delas se ramificam os caminhos que fazem a ligação com a várzea.

É fora de dúvida que tanto a lavoura quanto a fruticultura — que aqui representam as atividades agrícolas principais — necessitam de escoamento fácil para seus produtos e da proximidade de bons centros consumidores. Daí o papel importante exercido pelas estradas que, possibilitando um fácil acesso ao mercado, favoreceram o desenvolvimento de uma agricultura que sem elas estaria fadada a desaparecer, embora contando com aquêles fatores naturais favoráveis

A região conta com três saídas para o escoamento da produção. a do norte que, servindo-se da estrada do Marapicu, liga o Distrito Federal ao estado do Rio e cujo traçado aproveitou o colo existente entre o morro do Marapicu e o do Manuel José, a do sul que conduz a Campo Grande, enquanto que a de leste leva a Bangu. As duas últimas são as mais utilizadas, pois, servem as zonas em que a atividade agrícola é mais acentuada e ligam os mercados próximos dos subúrbios. Fazem parte delas as estradas do Guandu, do Guandu do Sena e do Mendanha das quais saem os caminhos que demandam as serras. É, assim, comum, o aparecimento nos entroncamentos dêstes com as estradas, de depósitos destinados à guarda das mercadorias (fig 22) que, descendo a serra no lombo de burros e cavalos, aí permanecem (fig 23) até que o caminhão as conduza aos centros consumidores. Também na várzea aparecem êles em alguns sítios embora, muitas vêzes, a mercadoria seja colocada, simplesmente, à beira da estrada. As caixas com as iniciais dos lavradores identificam a proveniência da mercadoria.

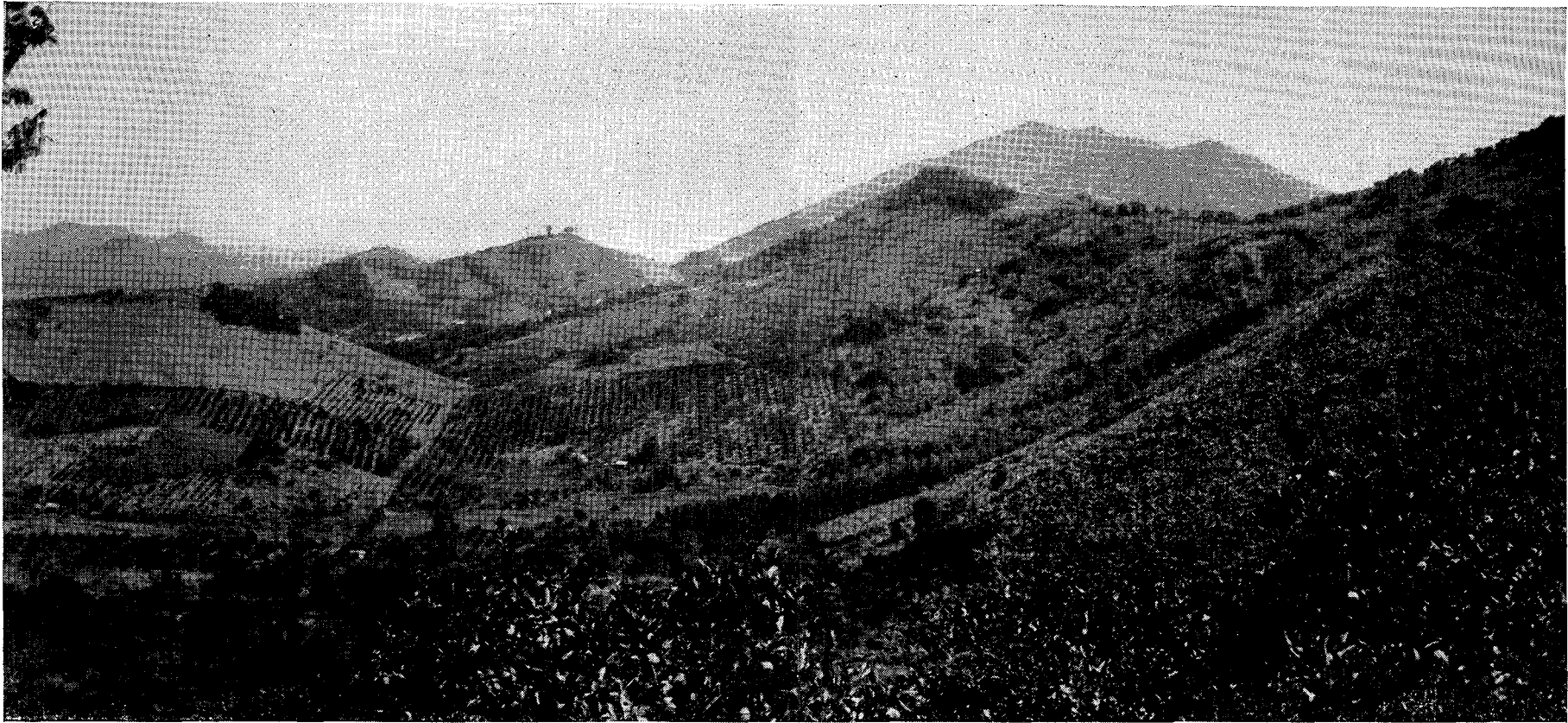


Fig. 21 — Aspecto parcial da serra do Mendanha — A fotografia nos mostra os diferentes tipos do aproveitamento da terra que aí ocorrem. laranjas na baixa encosta e à medida que subimos a serra vão eles sendo substituídos pelas culturas de chuchu, conforme se vê na pequena mancha que aparece no centro da fotografia, e pelos extensos bananais. (Foto Nilo Bernardes)

O transporte das mercadorias é feito por intermédio de uma frota de caminhões que percorre, diariamente a região, com exceção das segundas-feiras, fazendo em média duas a três viagens por dia. Muitas vèzes, no entanto, o próprio lavrador, tendo um caminhão, faz a entrega de seus produtos e, também, os de seus vizinhos mais próximos. Tanto num como noutro caso o preço do frete é o mesmo — Cr\$ 5,00, por caixa levada ao Mercado Municipal. Funciona êste como intermediário da produção sendo a venda feita pelos barraqueiros que retiram uma porcentagem de 15% sôbre o total da venda. Uma parte apreciável da produção é destinada às feiras dos subúrbios, sendo enviada para Campo Grande, Realengo, Madureira e Marechal Hermes.

O escoamento da produção está todo êle assegurado graças às boas estradas de rodagem que aí existem, facilitando de muito o acesso aos centros consumidores.



Fig 22 — Um dos numerosos depósitos onde as mercadorias que vêm da serra aguardam a passagem do caminhão que as levará ao mercado (Foto Nilo Bernardes)

As pequenas vendas aparecem nos diversos entroncamentos das estradas. É por meio delas que o lavrador adquire os gêneros que lhe faltam para seu sustento. Constituem o local de encontro dos lavradores para discussão dos assuntos do momento e de parada antes de subirem as serras. São, assim, por excelência, os pontos de contato destas com a várzea.

Uma conseqüência da facilidade de circulação que a região apresenta e da proximidade do mercado consumidor foi o acúmulo, por parte de alguns lavradores das duas funções: agricultura e comércio



Apresentam êles uma tendência à eliminação dos intermediários transformando-se em “feireiros”. Muitas vêzes são donos de caminhões fazendo, então, o transporte e a venda de seus produtos nas feiras dos subúrbios.



Fig. 23 — *Da serra à baixada — O transporte das mercadorias da serra é feito aproveitando-se do lombo dos burros e cavalos que através dos caminhos que cortam a serra chegam às estradas principais* (Foto Nilo Bernardes)

A boa circulação apresenta-se, então, como um resultado das excelentes condições que a região oferece para a agricultura e cujo desenvolvimento seria propiciado pela proximidade dos centros consumidores da cidade do Rio de Janeiro e seus subúrbios. Faltando, apenas, meios rápidos para que a produção pudesse, facilmente, atingir seus mercados, foram efetuados melhoramentos nas rodovias já existentes. Tal ocorreu na estrada do Mendanha quando foi feita a sua macadamização e, atualmente, se verifica na estrada Guandu do Sena.

## VII — CONCLUSÃO

Da análise do que vimos expondo podemos concluir que a zona do Mendanha se nos apresenta com uma ocupação humana caracterizada pela existência de uma agricultura comercializada da qual vivem pequenos sitiantes, em sua maioria, arrendatários de terras.

A diversidade de culturas que aí se verifica é devida à necessidade que tem o agricultor de garantir maiores oportunidades na colocação dos produtos nos mercados possibilitando-lhe, assim, certa estabilidade.

A existência de boas estradas de rodagem transformando-a em zona de fácil acesso fêz com que ela apresentasse condições favoráveis para o aparecimento do loteamento. Apesar de figurar num pequeno trecho da região tem êle encontrado obstáculos à sua instalação.

Zona agrícola, por excelência, com a maior parte de suas terras arrendadas a lavradores aí radicados há muitos anos constituíram êstes os principais fatores que impediram sua propagação.

Substituir a agricultura que encontra aqui bons solos para o seu desenvolvimento, pelo loteamento urbano, representa privar a cidade do Rio de Janeiro de uma das zonas que muito concorrem para o seu abastecimento.

#### BIBLIOGRAFIA

##### *Livros*

- 1 — ARAÚJO GÓIS, Hildebrando de — *A Baixada de Sepetiba*, 365 páginas, 156 fotografias, 25 figuras, 14 gráficos, 1 mapa — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1942.
- 2 — DELGADO DE CARVALHO, C M — *Corografia do Distrito Federal*, 111 páginas, 11 fotografias, 8 mapas, 3 gráficos, um corte — Livraria Francisco Alves — Rio de Janeiro — 1926.
- 3 — LAMEGO, Alberto Ribeiro — *O Homem e a Guanabara* — XXXII + 229 páginas, 204 figuras, bibliografia — Biblioteca Geográfica Brasileira — Publicação n 5, série A, Livros — Conselho Nacional de Geografia — 1948
- 4 — MENDES, Renato da Silveira — *Paisagens Culturais da Baixada Fluminense*, tese de doutoramento apresentada à cadeira de Geografia Humana e aprovada em outubro de 1948, 171 páginas, 15 mapas 2 plantas, 4 gráficos, 108 figuras, bibliografia — Universidade de São Paulo — Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras — Boletim CX — "Geografia" n 4 — São Paulo — Brasil — 1950
- 5 — MÜLLER, Nice Lecoq — *Sítios e Sítiantes no Estado de São Paulo*, 215 páginas, 67 fotografias, 4 figuras, 7 plantas, 20 mapas, anexos — Universidade de São Paulo — Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras — Boletim n 132 — "Geografia" n 7 — São Paulo — Brasil — 1951
- 6 — NORONHA SANTOS, Francisco A — *Memória acêrca dos Limites do Distrito Federal com o Estado do Rio de Janeiro* — 50 páginas e 1 mapa 4 gravuras — Separata dos tomos XXII e XXIV da *Revista da Sociedade de Geografia* — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1919
- 7 — NORONHA SANTOS, Francisco A — *Corografia do Distrito Federal* — 422 páginas, 1 mapa, — Benjamim de Aguiar, editor — Rio de Janeiro 1913
- 8 — RAMOS, F e VÁRZEA, A — "Cartogramas Preliminares das Micro-Regiões Agrícolas do Distrito Federal A Micro-Região do Mendanha" — in *Anais da Primeira Região Brasileira de Ciência do Solo* — Rio de Janeiro — Brasil — Publ da Sociedade Brasileira de Ciência do Solo — 1950 — pp 541 a 559.
- 9 — SANTOS, Tomás Delfino dos — TELES DANTAS, Antônio G. NORONHA SANTOS, Francisco A — *Exposição Documentada sôbre os Limites do Distrito Federal com o Estado do Rio de Janeiro* — 167 páginas, 16 gravuras de mapas e plantas — Tipografia do Jornal do Comércio — Rio de Janeiro — 1920.
- 10 — TAUNAY, Afonso de E — *Pequena História do Café no Brasil (1727-1937)* — 549 páginas — Edição do Departamento Nacional do Café — Rio de Janeiro — Brasil — 1945.
- 11 — TAUNAY, Afonso de E — *História do Café no Brasil-Colonial 1727-1822)* Volume II — 396 páginas Edição do Departamento Nacional do Café — Rio de Janeiro — 1939.
- 12 — VÁRZEA, Afonso — *Geografia do Distrito Federal* — 311 páginas, 25 desenhos, 38 mapas 72 fotografias comentadas Secretaria Geral de Edu-

cação e Cultura — Prefeitura do Distrito Federal — Edição especial da revista *Educação Pública* — Rio de Janeiro — 1945

- 13 — VIEIRA FAZENDA — *Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro* — Volume II Imprensa Municipal — Rio de Janeiro, 1923

#### Artigos

- 1 — BACKHEUSER, Everardo — “A Geologia do Distrito Federal” — in *Boletim Geográfico*, ano III, n 35 — Fevereiro de 1946 — Pp 1383 a 1406 — contendo carta geológica do Distrito Federal — 1925
- 2 — BACKHEUSER, Everardo — “Da Trilha ao Trilho” (Contribuição para o estudo da conquista antropogeográfica da Baixada e Maciço Fluminense) — in *Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia*, vol IV, p 216/264 — Conselho Nacional de Geografia — Rio de Janeiro — 1944.
- 3 — GEIGER, Pedro Pinchas — “Loteamento na Baixada da Guanabara” in *Anuário Geográfico do Estado do Rio de Janeiro*, pp 95/103 — Fotografias 4 — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — Rio de Janeiro, 1953
- 4 — RUELLAN, Francis — “Evolução Geomorfológica da Baía de Guanabara e das Regiões Vizinhas” in *Revista Brasileira de Geografia*, ano VI, n 4 — outubro-dezembro de 1944, pp 445/500, 81 fotografias, 12 figuras — Bibliografia.
- 5 — SERRA, Adalberto e RATISBONNA, Leandro — “O Clima do Rio de Janeiro” in *Boletim Geográfico*, ano III, n 28, junho de 1945, pp 527 a 560.
- 6 — SOUTO MAYOR, Ariadne — *Tipos Climáticos do Distrito Federal* (não publicado)

#### Mapas

- 1 — Planta do Distrito Federal  
Escala 1 20 000  
Prefeitura do Distrito Federal  
Departamento de Geografia e Estatística — 1946
- 2 — Carta do Distrito Federal  
Escala 1:25 000  
Levantada, desenhada e impressa pelo Serviço Geográfico do Exército em 1922 — Fôlha 2
- 3 — “Carta Topográfica da Capitania do Rio de Janeiro”  
Feita por ordem do conde da CUNHA, capital-general e vice-rei do Estado do Brasil  
Por Manuel Vieira Leão, sargento-mór e governador da fortaleza do Castelo de São Sebastião da cidade do Rio de Janeiro em o ano de 1767  
— Planta existente no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

#### Outros dados

Fotografias aéreas do Serviço Geográfico do Exército — Escala — 1: 20 000 (aproximadamente) — 1952

---

#### SUMMARY

The author analyses in the paper, the agricultural development in Mendanha Valley, one of those little cultivated zones which are part of the so-called green-belt of Rio de Janeiro

He calls the attention for the influence the physical features have on it. The fertile soils originated from eruptive rocks make possible the development of an activity chiefly agricultural. He shows also the differentiation of this activity in the two contrasting relief forms of the region; the low-lands and the mountain-while in the first one the orange trees are the landscape typical note and represent the remnants of a highly orange production phase aiming exportation, in the second one, the chuchu and banana cultures are remarkable

He analyses after that the historical evolution of the region saying that, although being an anciently occupied area agriculture is still the main activity, being well served by the markets proximity as those of Rio de Janeiro and important districts of the suburban zone as Campo Grande and Bangu

Although this area presents favorable conditions to an agricultural development the region could not get rid of urban speculation, presently an activity in great expansion in Rio and that was benefitted in the region by the good roads with which the zone is served

Concluding the author regrets the progressive transformation of the rural zone in urban ones that, is occurring in parts of Distrito Federal and from which Mendanha region can be an exemple

## RESUMÉ

¶ L'auteur analyse le développement de l'agriculture dans la vallée du Mendanha. Cette vallée est une de ces petites régions qui intègrent ce qu'on appelle le "cinturão verde" de la ville de Rio de Janeiro.

L'auteur fait ressortir l'influence exercée par le milieu physique sur la région. C'est grâce aux sols fertiles originaires des roches éruptives que la région a pu développer grandement son agriculture, elle se distingue par une grande diversité de produits agricoles. Alors que dans les parties basses, "baixada", les oranges constituent la note typique du paysage et représentent ce qui reste d'une époque où toute la "Baixada Fluminense" se dédiait à cette culture — destinée surtout aux marchés étrangers, — dans les parties élevées, où les conditions sont bien différentes, on voit principalement des cultures de "chuchu" et de grandes étendues de bananiers.

En analysant l'évolution du Mendanha, l'auteur nous dit que l'agriculture, occupation très ancienne a été et est encore l'activité principale. La région se trouvant à la proximité de grands centres consommateurs y rencontre facilement des débouchés pour ses produits agricoles. La facilité de communication avec d'importants districts de la banlieue, tels que Campo Grande et Bangu, contribue encore au progrès de l'agriculture.

Cependant, malgré les facteurs favorables au plein développement agricole, la région n'a pas échappé aux lotissements urbains; activité qui a, aujourd'hui, un grand succès à Rio de Janeiro.

Pour conclure son étude l'auteur nous démontre que la progressive transformation des zones rurales, situées aux proximités de Rio de Janeiro, en zones urbanisées est nuisible au ravitaillement de cette ville.

La région du Mendanha constitue un exemple typique de cette transformation.